



O POLITÉCNICO

GRÊMIO POLITÉCNICO • ANO LXXIX • SÃO PAULO, MARÇO DE 2022 • EDIÇÃO 01

735 dias depois...

Samira Paulino Dos Santos,
Engenharia de Materiais, 3º ano

Dois anos e cinco dias depois. Daqui lhes escrevo do passado, sem saber o que o futuro nos promete.

Aos que estão aí há pelo menos dois anos, meus pessoais votos de boa sorte e boas aulas. E, aos recém-chegados que nunca respiraram os ares da Poli, meus votos de boas-vindas. Vocês são alguns de muitos a embarcar nesse navio em debuto, se perguntando quão altas serão as ondas.

Para quem, pela primeira vez, irá contemplar o Relógio — seja no caminho do ônibus ou pelo Google Maps, procurando onde fica essa tal Praça do Relógio —, esse espaço agora é seu. E será o que você decidir fazer dele.

Por muito já passamos nos altos e baixos dessa pandemia, mas quero falar do que é mais importante, do que ainda está por vir, e deixar aqui um conselho: aproveite.

Virão grandes experiências, oportunidades de conhecer a Poli e de ir além dela, coisa que você

muito ouviu e ouvirá essa semana. Extensão, pesquisa, esportes, e outras coisas mais.

Porém, antes que tudo isso se torne o seu dia a dia; antes que a fila do bandejão se torne maçante; antes que Cálculo I deixe de ser algo que te deixe nervoso da cabeça aos pés; antes que você decore qual é a linha de ônibus certa; antes da Poli deixar de ser sua grande aventura: aproveite.

Antes que entrar em uma sala (virtual ou não) não lhe dê mais frio nas entranhas, mergulhe de cabeça. A poesia de uma caminhada sob as árvores da USP dura muito menos do que o seu tempo aqui.

Aqui começa a sua história na Poli!

Olá, ingressante! Tudo bom? Venho, por meio deste texto, lhe parabenizar por ter entrado na melhor escola de engenharia da América Latina! Foram meses e meses de estudo e dedicação, horas em claro fazendo exercícios, dezenas de redações, milhares de surtos e muitos, eu disse muitos, rolês e festas que você teve que desmarcar. É, a vida de vestibulando não é nada fácil, mas tudo deu certo, não? Todo o seu esforço foi recompensado!
POLI/PÁG. 4

É um pássaro? É um avião? Não! É o salvador da pátria!

E cá estamos nós, ávidos, mais uma vez reunidos, preparados para passarmos outro ano entregues ao debate definitivo — embora cíclico —, a eterna busca por concluir quem é a pessoa certa para, sozinha, solucionar todos os problemas do Brasil!
POLÍTICA/PÁGS. 12 e 13

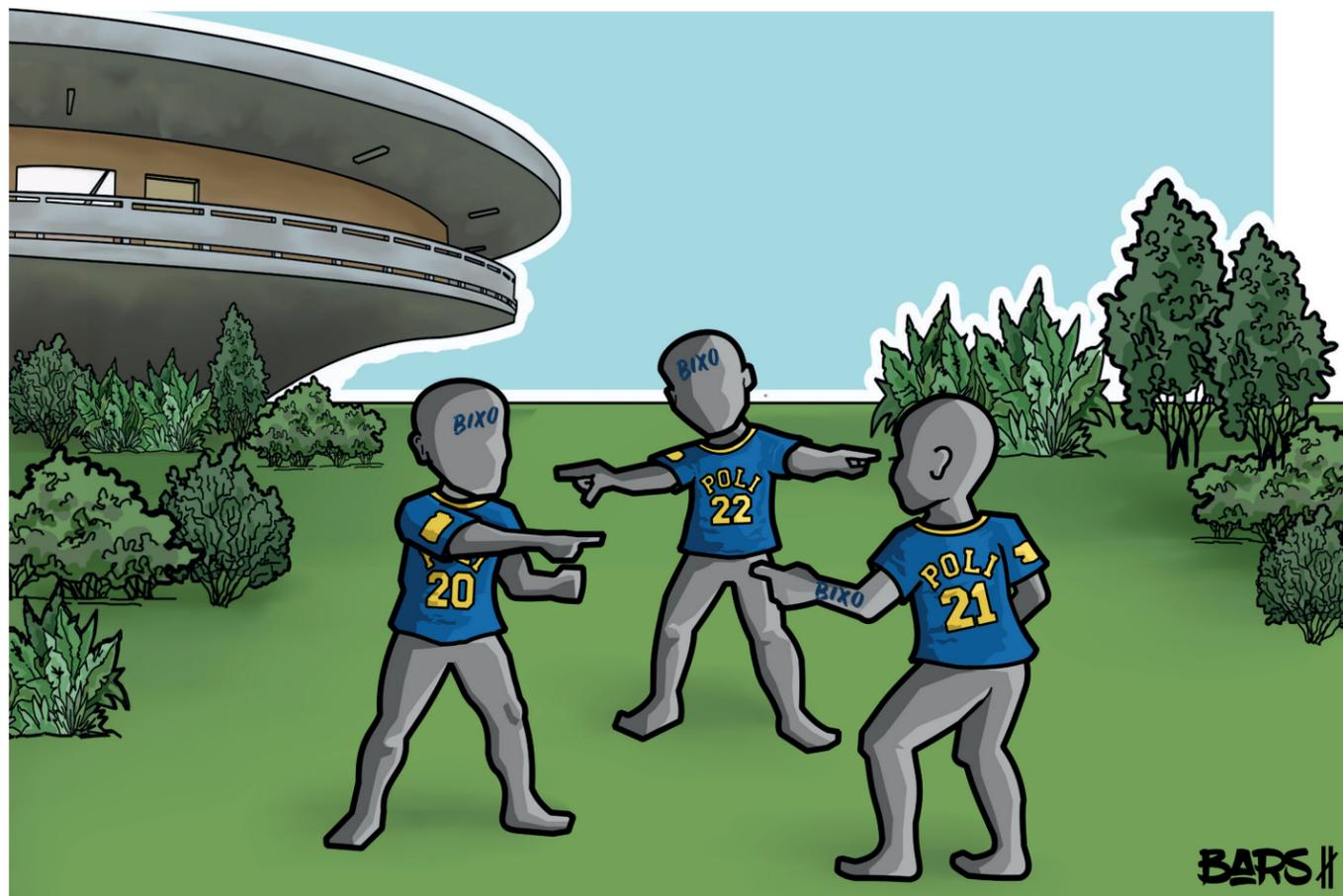
ADAPTAÇÃO/DC COMICS



vai conhecendo ao mesmo tempo em que elas vão se descobrindo — nem antes, nem depois.

Por meio da composição dos retratos, marcos do filme, a diretora propõe diversas discussões, como a relação artista e musa e as convenções artísticas tradicionais, além da relação pessoal desenvolvida por meio da arte e a pintura como fonte de lembrança e de memória afetiva.

ARTE E CULTURA/PÁGS. 8 e 9



O Politécnico viu: Retrato de uma jovem em chamas

Héloïse (Adèle Haenel) está prometida para um jovem milanes. Por causa disso, sua mãe encomenda um retrato seu para Marianne (Noémie Merlant), contra a vontade da filha, a fim de convencer o pretendente a se casar com ela. De dia, a pintora finge

ser dama de companhia de Héloïse, ao passo que estuda minuciosamente sua musa para compor o quadro em sigilo durante a noite. Aos poucos, a relação das duas fica cada vez mais íntima. Temos o nosso filme.

Retrato de uma jovem em chamas (2019) é dirigido e roteirizado pela francesa Céline Sciamma, também responsável por *Lírios D'água* (2007), *Tomboy* (2011) e *Garotas* (2014). Nesta obra, si-

tuada na França de 1770, Céline parte dos elementos mais simples (água, ar, terra e, claro, fogo) para inserir o espectador (e as personagens) na trama. A diretora, aliás, faz questão de posicionar a câmera de forma que o público tenha, justamente, a constante sensação de ser uma terceira parte daquele ambiente. Ao passo que Héloïse desvenda seu rosto, Marianne deixa de lado o papel imposto pela mãe de sua musa, e o público as



Editores-chefes: Mateus Pina e Rafael Varanda

Equipe Editorial: Arthur Belvel, Barbara Prearo, Beatriz Bicudo, Beatriz Gaya, Beatriz Toscano, Gabrielle Santos, Izabelly Santos, Luca Paniago, Lucas Dorna, Luiz Piffer, Maikon Semelewicy, Matheus Perotti, Murilo Noronha, Rebeca Rodrigues, Roberto Ortega, Samira Paulino, Veronica Duval e Verônica Emerick

Diagramação: Mateus Pina

Os textos aqui publicados refletem unicamente a opinião de seus autores, e não da equipe editorial ou do grupo responsável pela publicação.

REUNIÕES

Quando? Às quartas-feiras!

A que horas? 11h15

Onde? No Grêmio!

CONTATO

 fb.com/jornalpolitecnico

 @jornalpolitecnico

ENVIE SEU TEXTO

jornal.gremiopolitecnico.com.br/envie-seu-texto

Editoriais

Um novo O PolitécnicO, para novos politécnicos!

Há 79 anos, o jornal O PolitécnicO vem se reinventando, marcando e documentando a história da Escola Politécnica. Agora, apresenta-se para um novo desafio: ser, simultaneamente, um jornal físico e virtual, com a mesma relevância nos dois ambientes.

Em decorrência da pandemia, explorar esses novos ares foi necessário, em um processo que expandiu completamente os horizontes d'O PolitécnicO. E, é claro, todo o avanço obtido nos últimos dois anos de forma alguma poderia ser descartado. Agora, com conteúdos exclusivos para cada espaço, o jornal se renova mais uma vez na vida do politécnicO.

Nesta primeira edição, com um desenho de capa digno da coluna Politreco, começamos dando nossos votos de boas-vindas aos recém-chegados (tanto os velhos, quanto os novos), que valentemente enfrentarão esta nova Poli.

Como não poderia deixar de ser, trazemos diversos pontos de vista, justamente, sobre a volta à rotina presencial e seus impactos na comunidade politécnicO.

Já A Politécnica propõe uma reflexão muito importante: daqui a quantos anos atingiremos a equidade em relação à formação de homens e mulheres na Escola?

Além disso, a coluna Poli apresenta uma riquíssima entrevista com o professor Mateus Botani, fazendo o leitor embarcar em uma

jornada pelo encanto da educação. Paralelamente, o doutor Fábio Lofrano conta, afinal, o que corre nas veias de um professor.

Há, ainda, outros conteúdos voltados diretamente ao dia a dia do politécnicO, como o sonho do intercâmbio e o da iniciação científica, além da experiência de se estar em um grupo de extensão popular.

Felizmente, o jornal não se restringe aos assuntos da Poli, sendo um ambiente acolhedor para os politécnicos exercerem sua liberdade de expressão a respeito dos mais diversos temas — inclusive, para questionar o limite dessa própria liberdade.

Nesse sentido, na parte de política, são abordados certos absurdos socialmente aceitos, em uma reflexão sobre debate público e a criação de ídolos.

E, no espaço dedicado ao esporte, a velha discussão volta à tona: qual o maior jogador de todos os tempos? LeBron ou Jordan?

Para além disso, a coluna Arte e Cultura traz uma belíssima visão sobre a vida a partir da jornada do jogo *Outer Wilds*, bem como observações extremamente precisas a respeito do filme *Retrato de uma jovem em chamas*.

Contudo, apesar de repleta de excelentes textos, a primeira edição do 79º ano do jornal tem como ponto mais importante as suas lacunas — um convite à participação do leitor. Venha fazer parte deste novo O PolitécnicO.

Finalmente?

7 35 dias depois, voltamos! Contemplem a primeira edição de 2022 d'O PolitécnicO, aquela que marca o retorno à Poli presencial! Finalmente!

Finalmente?

Tendo em vista a gritante necessidade de recuperar os danos causados pela pandemia na educação e as melhoras consequentes do avanço da vacinação no país, era inevitável o retorno quase que irrestrito do ensino presencial na Escola Politécnica neste primeiro semestre — ainda que outras unidades da Universidade de São Paulo tenham optado por soluções diferentes.

Vacinação completa, uso de máscaras adequadas, ventilação constante, distanciamento social e um plano muito bem traçado para quando alguém for infectado são alguns dos elementos indissociáveis de um retorno minimamente seguro e responsável — embora nem todos estejam sendo plenamente assegurados aos politécnicos. Fato é que uma gradual restauração da normalidade passa diretamente por cuidados que nem todos parecem estar dispostos a tomar.

Aliás, foco no gradual. Há dois anos, os cursos da Poli vêm sendo ministrados de maneira remota. Apesar da pronta transição do ambiente físico para o online, os cursos de graduação não foram planejados para esse novo modelo, e, ainda que tenha havido um esforço admirável de parte do corpo docente, o ensino remo-

to deixou marcas consideráveis no desenvolvimento dos alunos. Além disso, vale ressaltar que os ingressantes de 2021 e 2022 também tiveram boa parte de seu ensino médio prejudicado.

Portanto, retornar abruptamente ao modelo antigo e ignorar a incalculável defasagem sofrida nos últimos semestres (em todos os âmbitos) é inconcebível. Da mesma forma, não é sensato se deixar levar pela euforia do enfim encontro (ou reencontro) com a Poli.

Tanto na esfera sanitária quanto na educacional, é indispensável lidar com a situação de maneira racional e muito bem calculada. Caso contrário, as dificuldades sofridas nos últimos dois anos serão irrisórias em comparação às consequências do que um regresso atabalhado pode causar.

Não é necessário abdicar das oportunidades que serão apresentadas nos próximos meses, mas, já que essa é uma escola de engenharia, que tal elaborar um plano cartesiano para analisar quais situações realmente valem a pena? Tomar riscos calculados e que verdadeiramente compensem, é primordial. Um sopro de bom senso e de racionalidade que seja já contribui (e muito!) para mudar os ventos do cenário geral.

Neste momento, é necessário cautela para, finalmente, irmos à Poli. Cabe a nós o esforço necessário para que essa situação seja, de fato, final, e não apenas mais um ponto de inflexão de uma complexa e interminável curva.

O Encanto da Educação: Entrevista com Mateus Botani

Veronica Rocha Duval,
Engenharia de Produção, 2º ano

Com o início de 2022, somos todos veteranos... Deixar de ser bixo é uma transição paulatina e, muitas vezes, cercada de dores...

Um dia, o politécnico já teve o brilho nos olhos: recém-ingressante, ele abria a câmera, cheio de sorrisos soltos, distribuía bons dias no chat, era participativo e até se arriscava aqui e ali com respostas a perguntas de professores.

Entretanto, hoje, nosso querido protagonista luta pelo papel de figurante; sofre intensamente no trajeto cama-computador e não raramente toma essa batalha como perdida. Em que canto do quarto, perdeu-se o encanto?

Com o início de 2022, somos sonhadores; afinal, novo ano, novas possibilidades. Nesse clima festivo e promissor, há, ainda, esperanças para o novo semestre: educadores. “Educar”, na origem etimológica, é formada por *ducere* que significa “guiar, conduzir” e *ex*, “para fora”. Em latim, a palavra significava “instruir”, mas também “criar, nutrir”. Precisamos sair de nós mesmos para ver o que há além e para crescer. Precisamos de educadores!

Assim, o jornal traz aos politécnicos uma entrevista com o educador Mateus Botani de Souza Dias, professor do Departamento de Engenharia Metalúrgica e de Materiais (PMT), que busca sempre estreitar os laços com os alunos, sabe se aproveitar do bom humor e não teme questões polêmicas.

ACERVO PESSOAL



Professor Mateus Botani (PMT)

O que te motivou a ser professor e qual é sua inspiração no ato de educar?

Eu cursei engenharia de materiais na USP de Lorena e, junto à graduação, fiz iniciações científicas, que me aproximaram da área acadêmica.

Sempre gostei de fazer apresentações, de falar em público, de sentar junto, de ensinar... Enquanto estudante, eu tive alguns professores muito bons, que conseguiram conduzir bem a aula, interagiam com os estudantes e sabiam como não ser punitivos com os alunos.

Hoje, como professor, considero que sou fruto da somatória desses vários professores que me inspiraram.



“Aprender nem sempre é algo prazeroso, mas um professor inspirador é aquele que instiga a vontade de ir à aula e de aprender.”

Mateus Botani
professor do PMT

Para ser levado a sério como professor, é necessário adotar um tom sério?

Há duas formas de fazer com que as pessoas gostem de você: por meio do amor ou do temor. Por temor, sem sombra de dúvidas, é a forma mais fácil, mas do ponto de vista da educação, isso não funciona.

No ambiente universitário, existe uma hierarquia muito bem definida, na qual os professores carrancudos acabam impondo mais respeito; porém, levando em conta minha experiência também como estudante, os professores mais acessíveis, que estreitavam relações com a classe, em geral, costumavam ter as aulas mais interessantes.

É claro que um professor não pode obrigar ninguém a prestar atenção. Por isso, é lindo quando o aluno quer simplesmente saber algo, e eu, felizmente, sou a pessoa que lhe pode fornecer isso.

Como você vê a questão do utilitarismo na ciência?

Eu sou uma pessoa mais romântica quanto ao conhecimento. Para mim, não necessariamente deve haver uma razão por detrás dele.

Na área acadêmica, muito se discute sobre uma pesquisa ser tecnológica ou científica, sobre a pesquisa ser aplicável na indústria e sobre ser lucrativa.

Essa discussão muitas vezes leva a alguns embates, supervalorizando as pesquisas “tecnológicas” (que têm aplicabilidade direta na indústria) em relação às demais, em uma visão extremamente restritiva. Queria ver alguém chegar para Pitágoras e dizer “rende um milhão antes dos trinta”. Não é assim que funciona.

Por exemplo, o celular, hoje, não ocupa uma sala inteira por conta do transistor. Quem o descobriu achou interessante o fato de a corrente ser conduzida de um lado, mas não do outro. Na época, muito pouco se sabia a respeito de sua utilidade. Apenas quinze anos depois passaram a usar o componente de fato, e, hoje, o transistor é indispensável. A curiosidade é a verdadeira chama para o espírito inovador.



“A ciência é o conhecimento pelo conhecimento, é aprender pelo prazer de aprender.”

Mateus Botani
professor do PMT

Para mim, a ciência é romântica. Não compensa focar apenas na aplicabilidade, a essência está no aprender. Lógico que a pesquisa tecnológica é importante, mas não tira o valor da base.

É natural que existam oposições entre docentes que trabalham com tipos diferentes de pesquisa, mas todo conhecimento descoberto é aprimorado e traz mudança.

Por isso, é necessário que haja um diálogo misto entre ambas as partes.

No atual cenário de crise e desvalorização da ciência, você deposita esperança no Brasil?

Há décadas se fala que o Brasil será um país do futuro, mas o que vemos é um país que mantém seu papel da época colonial, que exporta milho, soja, minério de ferro... O problema dessa prática é que o valor agregado desses itens é muito baixo. Uma tonelada de minério de ferro, por exemplo, vale muito menos do que um simples celular...

Ainda assim, na lista de valor dos produtos brasileiros, tem uma empresa que se destaca muito: a Embraer. Ela é capaz de tornar matéria-prima em produtos úteis para a sociedade e com grande valor agregado.

Indo além, na área de mobilidade urbana, nosso país chegou a uma solução muito eficiente do ponto de vista ambiental: o etanol; e, mais atualmente, na área da saúde, conseguimos desenvolver uma vacina!

Porém vemos que, ao mesmo tempo que no nosso país há muitas pessoas competentes, sofremos, também, com uma grande desigualdade...

Atualmente, entre 14 e 18 milhões de famílias pleiteiam o Auxílio Brasil (antigo Bolsa Família), e por volta de 1/4 da população brasileira está abaixo ou na linha de pobreza...

Eu acredito que o futuro do país dependerá muito das políticas que forem adotadas.



“Pessoalmente, eu acredito no Estado de bem-estar social. Eu, assim como vocês, sou fruto dele.”

Mateus Botani
professor do PMT

Qual legado você pretende deixar como Mateus, professor e brasileiro?

Você. O maior fruto do trabalho de um professor é um aluno com capacidade de reflexão, que vai olhar para trás e lembrar: “Nossa, tive aula com esse cara! Eu esqueci todo o resto, mas uma coisinha eu aprendi!”. É esse aluno!

Eu não tenho anseios de fazer algo maior do que isso.



Aqui começa a sua história na Poli!

**Luiz Henrique Piffer Marques,
Engenharia Mecatrônica, 2º ano**

Olá, ingressante! Tudo bom? Venho, por meio deste texto, lhe parabenizar por ter entrado na melhor escola de engenharia da América Latina! Foram meses e meses de estudo e dedicação, horas em claro fazendo exercícios, dezenas de redações, milhares de surtos e muitos, eu disse muitos, rolês e festas que você teve que desmarcar. É, a vida de vestibulando não é nada fácil, mas tudo deu certo, não? Todo o seu esforço foi recompensado!

Mesmo sendo uma surpresa maravilhosa, imagino que você esteja sendo bombardeado de informações, convites, parabenizações e mais um monte de mensagem. Atlético, Centrinho, Grupos de Extensão e até um tal de Grêmio, todos querendo falar com você — dê atenção a todos, rockstar, não deixe a fama subir à cabeça!

Um grande amigo meu me disse, quando entrou na Poli, as

seguintes palavras: “Onde eu fui amarrar meu jegue, Luizola?”. Pensando nisso, eu me pergunto se todos vocês sabem o que é estudar na Poli. Você pode me responder: “Ah, é uma escola de engenharia, né, Luizão? Deve ter cálculo, números, letras gregas, notas baixas e reprovações”. Bom, meu caro gafanhoto, você está corretíssimo! Mas também é muito mais do que isso!

A Escola Politécnica foi fundada em 1893 por Antônio Francisco de Paula Souza (pessoal que veio da ETEC, pois é, vocês tentaram escapar, mas não conseguiram!) e, em 1934, foi anexada à USP. A Poli sempre foi muito atuante na história do estado de São Paulo e do Brasil. Além de sempre ser sinônimo de qualidade no ensino de engenharia, ela participou de momentos marcantes do nosso país. O primeiro deles foi a Revolução Constitucionalista. Na situação, a Escola Politécnica juntou forças para fabricar armas e munições para o exército, bus-

cando proteger São Paulo. Fora isso, alguns alunos foram para o campo de batalha e lutaram na Revolução. Em 2020, durante a pandemia, a Poli, por meio de professores, funcionários e alunos, criou o Inspire, um ventilador pulmonar de baixo custo, que foi de extrema importância para todo o país, ajudando, principalmente, na crise do oxigênio que ocorreu em boa parte do norte do país no final daquele ano.

A Poli é isso: um local, no meio da USP, cheio de jovens extremamente talentosos e com pensamentos e histórias diferentes — e é maravilhosa. Basicamente, uma fábrica (ou uma bomba rs) de boas ideias, iniciativas e, principalmente, mudanças! Tudo isso culmina em uma união indireta extremamente gratificante.

Provavelmente, você não vai conhecer todos os alunos da faculdade, mas, mesmo assim, quando você precisar, tenha certeza que a Poli estará lá para você! Seja por meio do Centro Acadêmico, da

Atlética ou do Grêmio Politécnico. Você faz parte de uma família gigantesca agora, aproveite! E lembre-se: não existe ex-politécnico!

Por fim (eu juro que estou terminando), retomando aquela ideia do início do texto, a Poli pode, sim, ser bem difícil do ponto de vista acadêmico — não vamos mentir, não é mesmo? —, mas não é nenhum bicho de sete cabeças. Você passará por momentos complicados, terá que fazer várias listas de exercícios (comece pela imprescindível lista 0 de Cálculo, não dê um passo maior que a perna!) e inúmeras provas antigas, mas você vai conseguir! Neste primeiro semestre, vá com o peito aberto, estude e foque, mas, principalmente, aproveite as oportunidades que aparecerão para você.

Bom, imagino que agora você já tenha ideia do vespeiro que entrou. Existem centenas de outras coisas que eu não vou te contar, mas que você ainda vai descobrir: IntegraPoli, Fugas do Nabo, videoaulas do Possani... mas não esqueça! Apenas relaxe e se permita viver esse momento. Afinal, aqui começa a sua história na Poli!

O bom filho à casa torna

**Roberto Araújo Ortega,
Engenharia Civil, 4º ano**

Após dois longos anos de pandemia, as aulas presenciais voltam de forma ampla para a Escola Politécnica. Um período muito singular em sua história, com docentes e discentes tendo que se deparar com uma situação inédita: não ter nenhum contato com seus colegas e nem poder usufruir fisicamente de sua estrutura.

Nesse lapso temporal, vivemos situações inesquecíveis, e o que era considerado absurdo virou normalidade. De um final de semana para o outro, tudo mudou. Passamos a ficar reclusos em nossos quartos, a fazer intermináveis chamadas de vídeo e a reclamar um dia após o outro. Apesar de estarmos vivendo uma pandemia, a USP não parou, adaptou-se e continuou com suas atividades dentro do possível. Vale ressaltar que, mesmo com tudo o que aconteceu, a Universidade se mostrou

centrada em continuar com seus compromissos, não houve cancelamento de semestre e as aulas retornaram dentro de uma semana.

Importante destacar a participação das entidades estudantis no momento, atuando na mitigação de problemas e na defesa dos alunos. Juntos, conseguiram auxiliar estudantes sem acesso remoto, deliberar sobre conflitos na sala de aula e definir estratégias de avaliação e de ensino.

Entretanto, tivemos alguns erros no caminho. A comunicação foi falha, ninguém sabia com exatidão como estava sendo a discussão de retorno ao presencial, nem o que podia ou não ser cobrado em avaliações, o que deixava todos apreensivos. Ainda que o esforço do Grêmio e de centros estudantis tenha dissipado erros, não foram poucos os relatos de professores que faziam malabarismos para averiguar comparecimento na aula e que inventaram métodos delirantes de prova.

Ainda assim, o mais importante foi conseguido: o vírus não se espalhou. Ainda que a solução encontrada tenha sido extremamente conservadora e apresentada falhas, a USP obteve êxito em evitar que seus alunos, professores e funcionários fossem expostos à covid-19.

Agora, passados dois anos, e com as aulas presenciais retornando, me pergunto: será que a USP também ganhará a batalha contra o vírus em outra modalidade?

De início, gostaria de me posicionar a favor tanto do ensino remoto nos últimos dois anos quanto do presencial em 2022. Acredito que a solução de EAD foi assertiva e a única forma de garantir segurança de todos. Todavia sabemos que a Poli não é uma escola voltada a essa categoria de ensino e que o seu retorno iria acontecer uma hora ou outra. Assim, o momento me parece oportuno. Os casos e mortes

vêm decaindo, não se fala mais de sobrecarga hospitalar, e a vacina vem sendo amplamente aplicada em nossos colegas de sala. Para exemplificar, no último boletim epidemiológico da USP, de 09 de março, tivemos a maior baixa de casos, óbitos e internações desde o início do ano; além disso, 98,91% da população de São Paulo elegível à vacina tinha tomado pelo menos a primeira dose.

Porém, após estudar as diretrizes de retorno, digo que sinto que os problemas de comunicação e de falta de protocolos sobre eventuais problemas permanecem. Apesar de existir um acompanhamento do status vacinal de todos, lendo os documentos disponibilizados, não saímos da mesmice sobre informações que são repassadas desde o início da pandemia, como uso de máscara, distanciamento social e higienização das mãos, sem nenhuma informação clara sobre como enfrentar a situação que será exposta a todos.

Uma coisa é óbvia: apesar de todo o esforço, em algum momento, serão diagnosticados ca-



sos de covid-19 em nossas salas de aula, e isso não deve ser usado como justificativa para criticar o retorno presencial. Estamos em um momento em que, infelizmente, essa situação se tornará inevitável, porém devemos nos preparar para que, quando isso acontecer, tenhamos as respostas rápidas e eficientes para evitar calamidades. Me preocupa a falta de encaminhamentos claros de atuação nesses casos. Como po-

demos deixar essa preocupação de lado se ela vem sendo tratada sem a devida atenção?

Não foram estabelecidas respostas objetivas para como lidar com alunos que eventualmente contraíam o coronavírus. O que acontecerá com os alunos que tiverem contato com a pessoa infectada? E se for em época de prova? E se alguém se recusar a usar máscara? Será necessário voltar ao modelo remoto se grande par-

te da turma for contaminada? E se minha turma precisar de aula online e eu estiver na Poli? Nenhuma dessas perguntas possui um protocolo claro de atuação, trazendo insegurança para todos.

Pensando em exemplos e conversando com amigos, descobri que outras faculdades quando são avisadas de alunos contaminados bloqueiam sua entrada e rastreiam funcionários, docentes e discentes que tiveram contato

com o infectado, restringindo sua entrada até que sejam realizados testes.

Podemos perceber que existe boa vontade de nossa querida Universidade, porém, a princípio, ela pensará em soluções para os problemas somente quando eles aparecerem, o que coloca não só todo o plano de retomada presencial, mas também o esforço dos últimos anos para evitar a proliferação do vírus em risco.



Escritório Piloto recebe novos grupos

Arthur Belvel Fernandes,
Engenharia Mecânica, 3º ano

Criado em 1953, o Escritório Piloto surgiu com o intuito de permitir que os estudantes de engenharia civil pudessem aplicar projetos reais de suas áreas. Logo nos seus primeiros anos de existência, passou a integrar o Grêmio Politécnico como um departamento. Assim, adquiriu um viés social: os projetos realizados seriam para comunidades em vulnerabilidade socioeconômica. Desde o início, o EP contou com o auxílio dos professores da Poli e, no decorrer de sua história, deixou de ser centrado na engenharia civil e abarcou as demais áreas da engenharia e de outros cursos, mantendo o viés social. Em momentos passados, como na década de 1980, o EP participou do planejamento e da reforma do CRUSP.

Ainda que seja um projeto social, o que melhor descreve o Escritório Piloto é ser de extensão popular. Trata-se de um conceito muito bem definido e estudado por diversos pesquisadores, das mais diversas áreas. É, sucintamente, levar para além dos muros da Universidade os conhecimentos aqui desenvolvidos — mas não sem antes se integrar com esse “além-muros”. A proposta do EP não é montar um projeto social baseado no que estudaram aqui na Poli, mas sim desenvolver um projeto que misture os conhecimentos estudados e a vivên-

cia da comunidade que recebe o projeto. O ponto chave que marca a extensão popular é que ela parte do pressuposto de que nós, da Universidade, não somos os únicos detentores do conhecimento e que aquilo que será criado trará um aprimoramento tanto para quem aplica quanto para quem recebe. Assim, os projetos serão mais bem feitos, porque usam dos conhecimentos de quem está efetivamente tendo algum problema.

Fora isso, essa extensão que o EP faz é irrestrita cumprindo toda a cartela do tripé da Universidade “ensino, pesquisa e extensão”, assim devolvendo à sociedade diretamente. Nesse conceito de extensão popular, o Escritório Piloto trabalha, principalmente (mas não exclusivamente), com a engenharia popular, por ser um laboratório de dentro da Poli. Para aplicá-la, o EP traz consigo uma gestão horizontal, ou seja, não há pessoas que comandem o grupo diretamente. Segundo um dos seus membros, Lucas Costa (representante do EP no Grêmio Politécnico em 2021), isso pode ter contribuído, durante a pandemia, para que o laboratório ficasse menos ativo: como todos tinham outras responsabilidades e problemas para passarem durante esse período, sem que alguém fosse diretamente responsável, muitos grupos puseram o pé no freio. Ainda assim, o EP foi, em grande parte, reestruturado e operou ao máximo, dentro de

suas possibilidades.

Tendo em vista que essa situação é transitória, surgiu, por parte do Escritório Piloto, a ideia de agregar novos grupos para o laboratório. Já havia diversas equipes que participavam do EP, resguardando a ele sua autonomia. Entre eles, os coletivos Poli Pride (coletivo LGBTQIA+), PoliGen (coletivo de discussão de gênero), Poli Negra (coletivo negro), que trazem representatividade e acolhimento para minorias sociais dentro dos espaços da universidade (mostrando uma parte de projetos que são voltados à comunidade interna). Além desses, também fazem parte o MovEP, que discute a mobilidade urbana, o PoliGNU, voltado ao estudo de softwares livres, o Bandeira Científica, que promove atividades assistenciais e educacionais ao interior do Brasil, entre outros. Era necessário que o Escritório Piloto estivesse mais ativo e, para isso, novos grupos passaram a o compor.

Esse processo foi feito a partir da discussão entre os membros do Escritório sobre alguns grupos que já atuavam no meio da Poli e que se propunham a realizar projetos sociais. O cerne da discussão, conforme relatado por Lucas Costa, foi se esses projetos se tratavam de extensão popular ou não. Com a confirmação, três grupos foram convidados e aceitaram integrar o EP: a Amphibia, grupo criado em 2020 voltado para projetos socioambientais; o Elas Pelas Exatas, que incentiva

jovens mulheres a estudarem e trilharem carreira nas exatas; e o Museu Para Quem? que, usando de produções audiovisuais, busca desconstruir preconceitos por meio da empatia.

Com essa nova participação, todos crescem. De um lado, o Escritório Piloto passa a ter mais grupos ativos e levando a Universidade para além de seus muros e de outro, os grupos conseguem uma rede de apoio que se baseia não apenas na estrutura física do EP (que tem espaço e infraestrutura próprios no prédio da civil), mas também da relevância desse laboratório e das redes de contato que são geradas. Finalmente, o objetivo primeiro de todas as partes — a aplicação de extensão popular — é alcançado com ainda mais êxito.

Essa é uma das mudanças que veio para 2022, mas não será a única. Os grupos convidados passam a fazer parte, porém não há necessidade de um convite formal para participar do Escritório. Tanto pessoas que queiram contribuir (seja com algum projeto existente ou criando um) quanto grupos que queiram integrar podem entrar em contato e fazer parte do EP!

Desde seu surgimento, a engenharia é responsável por desenvolver melhorias para a sociedade e para as pessoas, e muitas vezes isso é feito por “projetos”. No Escritório Piloto, tais melhorias são, primordialmente, feitas por pessoas.

Engenheirando

Iniciação Científica: Efeitos da estratégia de varredura na textura cristalográfica de corpos de prova da liga Ti-47Nb produzidos por manufatura aditiva de fusão em leito de pó

Bárbara Gomes Prearo,
Engenharia Metalúrgica e de
Materiais, 3º ano.

A fusão em leito de pó (*Power Bed Fusion*) é uma técnica de manufatura aditiva de metais que utiliza um feixe denso de energia para derreter sucessivas camadas de pó seguindo um desenho bidimensional — uma fatia de uma seção plana que compõe uma parte funcional de um objeto tridimensional — e que conserva propriedades e aplicações mecânicas.

A técnica envolve a fusão seletiva de regiões de uma camada de pó metálico disposta em uma

plataforma plana do substrato do equipamento de MA. Essa primeira camada fundida constitui a primeira fatia da peça. A plataforma sofre um pequeno rebaixamento e uma nova camada de pó é espalhada sobre a anterior. O processo se repete e uma nova fatia é construída, assim sucessivamente. Atualmente, a tecnologia de fusão em leito de pó é a mais usada, amplamente empregada nas áreas médicas, industriais e tecnológicas, por possibilitar a construção de peças complexas, com bom acabamento e boas características mecânicas.

Uma das aplicações mais pro-

missoras da tecnologia de manufatura aditiva e da possibilidade de controle de propriedades dos materiais é na área medicinal. Na linha de pesquisa em questão, estudamos e analisamos formas de otimizar as propriedades mecânicas de uma liga metálica para a produção de próteses ortopédicas.

Considerando-se os três principais parâmetros responsáveis pela conformação da estrutura cristalina da peça produzida por manufatura aditiva, por meio da técnica SLM (*Selective Laser Melting*), cita-se a potência do laser, a velocidade de varredura e a estratégia de varredura. Esta envol-

ve a análise do percurso do laser sobre a plataforma de leito de pó e abrange uma ampla gama de técnicas e opções, que atribuem uma série de propriedades e características mecânicas à peça em questão.

O foco principal da pesquisa envolve analisar aspectos metalográficos, mecânicos e termodinâmicos em corpos de prova com diferentes estratégias de varredura, a fim de entender como a mudança deste parâmetro gera um textura cristalográfica específica que atenda às necessidades de aplicações específicas.

A manufatura aditiva de metais é uma técnica muito recente e que promete prosperidade com projeção de crescimento de 20% ao ano, duas vezes mais rápido que o mercado dos não metais. Há tendência no estudo dessa tecnologia a fim de aperfeiçoar conhecimentos e entender até onde essa notável forma de manipular as propriedades dos materiais pode avançar na construção de peças complexas e de aplicabilidade vasta.

Arte e Cultura

Outer Wilds: Uma jornada ao desconhecido

Rafael Varanda Bernardo,
Engenharia Mecatrônica, 2º ano

Imagine-se com cinco anos de idade. Encare isso como uma súplica do autor, um pedido sincero por uma jornada de leitura ativa! Visualize! É como se enxergasse seu reflexo mais novo num espelho imaginário, atrás das linhas deste texto. Além do diferente estilo de cabelo, do sorriso inocente (com alguns dentes faltando), da pele que nem imaginaria os futuros problemas com acne, perceba o ponto central: os seus olhos.

O olhar infantil é destoante, desnorteante. Distante? Mas por quê? O que mudou em você? Seria a malícia? De fato, o assassinato da sua inocência pode ter sido dolorido, mas seria suficiente para tirar aquele brilho? Seria a razão? É outorgado que deixemos de sentir, para conseguir pensar? Penar? Não, não pode ser, é preci-

so que exista algo a mais.

Uma luz, uma áurea. Mas diferente. Quando que o brilho nos olhos tornou-se um sinal da iminência de lágrimas? Não que as emoções sejam malélicas, mas para onde foi a luz sincera que refletia na sua córnea simplesmente ao encarar o vazio? O que existia naquele vazio? A curiosidade? O encanto? Os sonhos!

Aquele olhar carrega consigo os sonhos de alguém que ainda não teme o impossível. Alguém que se imagina voando com seu guarda-chuva em meio a uma tempestade! Num grande palco apresentando-se para uma plateia infinita! Dentro de um foguete indo em direção às distantes estrelas do céu, não temendo os perigos e as incertezas do seu caminho! Lutando com dragões! Salvando vidas! E das mais incríveis maneiras rindo daquilo que é dito como infactível!



Fan art do jogo Outer Wilds

REPRODUÇÃO

Arte e Cultura

Essa sinceridade sonhadora vai desaparecendo à medida que envelhecemos. Aos poucos percebemos que nosso guarda-chuva não é capaz de alçar voo durante uma tempestade, ou que não é tão simples tornar-se um maestro de uma grande orquestra. É inviável economicamente ter um foguete e dragões (ainda) não existem. Por fim, a revelação mais brutal (e que assassina de vez esse brilho nos olhos) é a que você não vai conseguir salvar o mundo sozinho, nem mudá-lo. Certamente um dia o seu nome cairá no esquecimento.

Algum dia, ninguém saberá quem foi Cleópatra, Mozart ou até mesmo Newton. Nada é eterno e infelizmente (ou felizmente) nem tudo é possível. A descoberta, apesar de violenta, nos ensina um valor importante: viver no presente, aproveitar cada segundo como se fosse o último, pois ele pode ser.

É difícil perder o encanto. Felizmente a humanidade criou, logo em seus primórdios, uma ferramenta que combate esse vazio cinza. Algo que consegue, mesmo que momentaneamente, fazer com que nos sintamos da mesma forma, com o mesmo sorriso torto e banguela de quando tínhamos a idade dos sonhos. Para consertar uma porta usa-se um martelo, para reviver uma alma usa-se a arte.

Homens paleolíticos pintavam animais em cavernas, quase de forma religiosa. A história das primeiras civilizações é contada por suas esculturas e pinturas que sobreviveram. Até mesmo as igrejas medievais contavam histórias por meio das suas paredes e tetos pintados. A arte é o limiar que distingue o “sobreviver” do “viver”, o combustível para a alma, uma máquina do tempo que traz de volta aquele magnífico olhar.

Depois de toda essa jornada ao seu desconhecido passado, enfim chegamos no aclamado *Outer Wilds*, obra de arte, em forma de jogo eletrônico, que dá nome ao texto! Nesse ponto você deve estar se perguntando o que existe nesse jogo de tão importante para o autor (fora das suas próprias faculdades mentais provavelmente) te guiar em uma

viagem a tempos tão distantes da sua infância. *Outer Wilds* é diferente, transcende o “sentir-se como uma criança”. Durante toda sua extensão, eu verdadeiramente fui uma criança e uma parte daquela luz que havia desaparecido voltou a brilhar, mas de forma diferente.

Lançado em 2019 pelas desenvolvedoras Annapurna Interactive e Mobius Digital, *Outer Wilds* te coloca na pele de um jovem astronauta num sistema estelar muito distante do nosso (em tempo e espaço). O sistema em questão, assim como a espécie do personagem, são caricaturas do nosso Sistema Solar. Desta forma, você não é um humano no planeta Terra, e sim um lenhoso no planeta *Timber Hearth*. Sua missão é desvendar os mistérios por trás de todo o espaço que o circunda, sendo a sua curiosidade o seu recurso mais importante nesta jornada (junto com seu batedorzinho, claro).

O jogo consegue mesclar de maneira orgânica a história, a ficção e a fantasia. Seu enredo tem como foco descobrir sobre os Nomai — povo que habitou o seu sistema natal muito antes da sua espécie sequer ter existido. Investigando vestígios, textos e gravações, você descobre informações sobre o surgimento e o fim desse povo, como também da sua busca incessável pelo “Olho do Universo”, conceito que você (naturalmente) não faz a mínima ideia do que seja. Toda a trajetória desse povo é contada pelo cenário, cabendo a você ligar os pontos, como um verdadeiro arqueólogo numa jornada ao desconhecido.

Além disso, *Outer Wilds* rompe com todos os limites físicos da vida real e ri dos infelizes matemáticos que gostam de pisotear nossos sonhos. O universo e a física são tratados com a leveza da fantasia infantil, brincando com os conceitos atrofiados pelas fórmulas chatas. Viagens que no mundo real demorariam meses, levam segundos, e praticamente nada é impossível. Você pode atravessar a atmosfera densa de Júpiter, entrar num buraco negro ou até mesmo dentro de um cometa, retratando precisamente

o sonho de qualquer um que em algum ponto já se imaginou como um astronauta.

Quando você se dá conta, já está totalmente entregue àquela história, com os olhos vidrados, perdido para descobrir mais e mais. Conforme adentra nesse profundo universo, você percebe que não se trata apenas de uma história de astronautas e de exploração espacial, existe muito mais. *Outer Wilds* te ensina sobre a busca ao conhecimento, sobre o renascer e, acima de tudo, te lembra o que é sonhar acordado e ter delírios pensando, formulando teorias.

A paixão é tanta ao imergir na história, que você deixa de se preocupar com qual será o seu final, ou se sequer existirá um final. Tudo que você quer é entender, sentir o frio na espinha enquanto mergulha de cabeça em todo aquele ambiente. E, quanto ao final, ele consegue ser tão maravilhoso quanto todo o resto do jogo. Te deixa em lágrimas, como se você estivesse vendo o último ato de uma orquestra, em que o choro só escorre no seu rosto sem que você saiba o exato porquê de isso acontecer.

Sempre fui um dos malas que se recusava a dar nota 10 para qualquer coisa — afinal, nada é perfeito —, mas não existiria outra nota para essa obra. São infinitas as surpresas que me neguei a estragar no texto, no sonho de que algum leitor interessado realmente entregasse-se à experiência,

desvendando sozinho os mistérios que lhe serão postos.

Nisso chego ao que *Outer Wilds* realmente significa para mim. Não se trata apenas de um videogame, ou qualquer história, a experiência foi a principal faísca que me fez despertar uma incessante busca pela arte. Graças a *Outer Wilds*, recorri à escrita como forma de expressão artística, assim como a paixão por instrumentos musicais e muito mais. A emoção e a profundidade, além do despertar de um sonho infantil acabaram por fazer com que a história fosse um ponto de virada em minha vida, principalmente durante a época de isolamento social.

O objetivo deste texto não é apenas incentivar o máximo de pessoas a conhecerem essa obra não tão famosa (embora desejasse muito que isso acontecesse). A Jornada ao Desconhecido mencionada no título é, na verdade, uma busca interna por aquilo que devolva não só o brilho nos seus olhos, mas também os sonhos que foram esmagados pelo cinza do mundo real — que te emocione sem que você sequer entenda a razão.

Acima de tudo, que seja um manifesto à busca pela arte, nas mais diferentes e impossíveis formas. Escreva um texto, desenhe algo, toque um instrumento: sinta-se vivo! A vida torna-se colorida quando os pensamentos pesados são descarregados em forma de poesia.

DIVULGAÇÃO/MOBIUS DIGITAL



Cena ilustrada dos créditos de *Outer Wilds*

Arte e Cultura

O Politécnic viu: Retrato de uma jovem em chamas

Héloïse (Adèle Haenel) está prometida para um jovem milanês. Por causa disso, sua mãe encomenda um retrato seu para Marianne (Noémie Merlant), contra a vontade da filha, a fim de convencer o pretendente a se casar com ela. De dia, a pintora finge ser dama de companhia de Héloïse, ao passo que estuda minuciosamente sua musa para compor o quadro em sigilo durante a noite. Aos poucos, a relação das duas fica cada vez mais íntima. Temos o nosso filme.

Retrato de uma jovem em chamas (2019) é dirigido e roteirizado pela francesa Céline Sciamma, também responsável por *Lírios D'água* (2007), *Tomboy* (2011) e *Garotas* (2014). Nesta obra, situada na França de 1770, Céline parte dos elementos mais simples (água, ar, terra e, claro, fogo) para inserir o espectador (e as personagens) na trama. A diretora, aliás,

faz questão de posicionar a câmera de forma que o público tenha, justamente, a constante sensação de ser uma terceira parte daquele ambiente. Ao passo que Héloïse desvenda seu rosto, Marianne deixa de lado o papel imposto pela mãe de sua musa, e o público as vai conhecendo ao mesmo tempo em que elas vão se descobrindo — nem antes, nem depois.

Por meio da composição dos retratos, marcos do filme, a diretora propõe diversas discussões, como a relação artista e musa e as convenções artísticas tradicionais, além da relação pessoal desenvolvida por meio da arte e a pintura como fonte de lembrança e de memória afetiva. E essa discussão transcende a poesia visual de Céline, sendo que a composição musical e os paralelos com a literatura, por exemplo, são dois dos pilares responsáveis pelo funcionamento da obra. Vivaldi,

Orfeu, Eurídice... Céline não economiza nas referências artísticas.

Nesse sentido, *Retrato de uma jovem em chamas* esbanja cores, com uma série de composições abertas, responsáveis por mostrar todo o espaço e a natureza presentes na locação, em um contraste que não compromete em nada a atmosfera sufocante e oprimida pretendida. Nesse dilema, as personagens se encontram desesperadas diante da iminente separação, sabendo que a memória daquele instante será consolidada como seu bem mais precioso. Em determinado momento, Héloïse, inclusive, chega a elucubrar a respeito do mito de Orfeu e Eurídice, alegando que o filho de Apolo olhou para a Eurídice porque “Ele preferiu viver com a memória da amada”.

Assim, a corrida contra o tempo dita o desenrolar da trama. Elas devem aproveitar ao máximo

o curto tempo que têm, da mesma maneira com que a diretora aproveita as curtas duas horas de filme para desenvolver a narrativa.

Para além dos pontos fortes técnicos, esse ensaio visual sobre o ato de se apaixonar e a intelectualização do afeto é aclamado pela crítica, principalmente, pela forma com que a diretora trabalha o olhar e a captura das emoções. Os sentimentos variados têm impacto direto na construção de cada uma das cenas, sendo que pequenos detalhes, como um simples sorriso, um piscar de olhos ou uma mordida nos lábios, influenciam diretamente na experiência final do filme.

Apesar de não ter sido o escolhido da França para a premiação do Oscar, *Retrato de uma jovem em chamas* foi selecionado para competir para o *Palme d'Or* no Festival de Cannes de 2019. Nessa cerimônia, venceu a Queer Palm, tendo sido o primeiro longa dirigido por uma mulher a ganhar a categoria, e, além disso, Céline Sciamma foi a vencedora do Prêmio de Roteiro.

DIVULGAÇÃO/LILIES FILMS



Adèle Haenel e Noémie Merlant, respectivamente, em cena de *Retrato de uma jovem em chamas*

Bárbara Gomes Prearo,
Engenharia Metalúrgica e de
Materiais, 3º ano.

A delicadeza e a formosura são aspectos intrínsecos de todas as cenas, passagens, trilhas sonoras e fotografias do filme, que desenvolve um romance abarcado de arte e de profundo sentimentalismo que atravessa a tela e alcança o espectador de forma uníssona e confortável.

A trama de revela em primeiro plano a abordagem da conjuntura social do século XVIII, trazendo todo no drama os dilemas sociais vividos e esperados para as mulheres da época. Contudo, ao desenvolver a história, o romance, que representa toda a quebra de estigmas comportamentais, a negação ao casamento, a busca pela liberdade e o encontro da liberdade no mesmo meio avassalador é um ponto cativante do filme.

Retrato de uma jovem em chamas trata o envolvimento amoroso com uma simplicidade que conquista o espectador, atitude que no sigilo e no silêncio cria faíscas.

Nota: 9,5

Arte e Cultura

Beatriz Gaya Augutoli,
Engenharia de Produção, 2º ano

Retrato de Uma Jovem em Chamas é o filme mais feminino e sem estereótipos que eu já assisti em toda minha vida. Ele tem muitos pontos fortes e o maior deles, na minha percepção, é a tamanha intensidade com uma sutileza impressionante em que o filme retrata cada uma das emoções.

O filme acontece de uma forma mais lenta, e esse ritmo de narrativa é crucial para que a história funcione. Afinal, o enredo não é baseado em acontecimentos e reviravoltas, e sim sobre todo o processo e cada um dos sentimentos de se apaixonar, ainda mais por um amor proibido e perigoso. Além disso, outros pontos muito fortes do filme são a visão sem fetiches masculinos de um relacionamento lésbico, a passagem de sentimentos sem a necessidade de grandes diálogos — então, quando algo é dito, se torna muito mais impactante — e o quanto o filme é lindo esteticamente falando.

Nota: 9

Rebeca Araújo Rodrigues Queiroz,
Engenharia Naval, 4º ano

Como representar a experiência feminina? É possível, em uma só obra de arte, captar a essência do que é ser mulher? Existe realmente uma essência do que é ser mulher? Ora, há tantas mulheres no mundo, todas com sua cultura, história, personalidade, aparência... O que nos une além do gênero?

Retrato de uma jovem em chamas parece, inicialmente, conter uma premissa simples, retratando as adversidades enfrentadas por diferentes mulheres do século XVIII, em posições sociais e profissionais distintas. À medida que a história é desenvolvida, essa premissa não se modifica exatamente, porém é construída de uma forma que, mesmo não apresentando nenhum fator que fuja da realidade ou um grande *plot twist*, surpreende e desperta sentimentos e reflexões, tudo isso com uma sutileza e delicadeza de tirar o fôlego.

Em um dos diálogos (para mim, o mais marcante), a pintora fala para sua modelo: “Desculpe-me, não gostaria de estar no seu lugar”. A isto é respondido: “Nós estamos no mesmo lugar. Exatamente no mesmo lugar”. Para mim, esse diálogo, assim como todo o roteiro e recursos visuais do filme, serve não apenas para desenvolver a trama principal do romance entre as duas, mas também levanta todas aquelas questões iniciais que coloquei no texto.

Naquela situação, são duas mulheres diferentes. Uma está pintando, a outra posando. Uma está em pé, a outra sentada. E por que é dito que estão no mesmo lugar? A modelo explica que, assim como a pintora presta atenção e registra seus sentimentos e reações, ela mesma faz isso com a outra, do lugar onde está. Elas não são iguais, não estão na mesma situação social, não têm

os mesmos problemas... O que as une é a compreensão mútua, a empatia, e o entendimento de que ser mulher tem uma contribuição na história e individualidade de cada uma.

Eu poderia elogiar diversos elementos desse filme: direção, fotografia, roteiro, a performance das atrizes principais e sua química inegável. Todas as cenas pareciam ter um significado e um porquê, me remetendo às pinceladas de uma bela pintura. O conjunto desses fatores contribuiu na construção de uma obra que me entreteu — porém foram os sentimentos despertados em mim como mulher e, em segundo plano, como pessoa LGBT, que determinaram uma obra que me cativou.

Nota: 10

Samira Paulino dos Santos,
Engenharia de Materiais, 3º ano

Algumas peças cinematográficas são delicadas, demoram para pegar seu ritmo e construir sua primorosa história. Na primeira cena de *Retrato de uma jovem em chamas*, temos uma aula de arte, em que uma aluna, curiosa, pergunta sobre um dos quadros em exposição na sala — em uma das minhas ferramentas favoritas de conduzir a história —, o que puxa a linha para o restante do filme.

A peça tem mensagens e imagens fortes, que se conectam em diferentes momentos e te fazem refletir sobre o contraste, por vezes — o espectador perceberá no momento exato em que assistir.

A trama se desenvolve e termina da maneira que torcíamos para não acontecer, mas se prova inevitável — assim como o destino de todas as mulheres da época.

Nota: 9

Veronica Rocha Duval,
Engenharia de Produção, 2º ano

Retrato de uma jovem em chamas retrata mais de uma jovem em chamas. Se cabe ao filme alguma crítica, essa é a única que eu poderia esboçar...

Irretocável, a obra carrega consigo muita beleza, trata com delicadeza os mínimos detalhes e dá significados a olhares, soluços chorosos e ao constante som de chamas. No enredo, a menor das miudezas tem seu valor: uma frase banal do início pode conter o cerne do fim e assim é bordada uma obra entrelaçada em simplicidades e profundezas.

Questionando despreziosamente a linha tênue entre o amor fraterno e a paixão, o romântico e o carnal, a solidão e a companhia, quem assiste sente-se gradualmente tomado pelo filme e seus mistérios.

Retrato de uma jovem em chamas parte de três mulheres em chamas para clamar à espectadora retratação com seu fogo interno também, afinal, a chama se expande em nós.

Retrato de uma jovem em chamas é sobre mais de uma jovem em chamas e isso não pode ser uma crítica.

Nota: 9,6

A Politécnic

Daqui a quantos anos?

Beatriz Bicudo Bregion,
Engenharia Elétrica, 4º ano

Recentemente, uma iniciativa do Burger King ganhou destaque: ao fazer seu pedido em um aplicativo de *delivery*, o tempo de espera para a entrega era de 267,6 anos. Obviamente, os clientes ficavam bravos e “preocupados” com esse tempo, e, quando o pedido finalmente chegava, depois de alguns minutos, tinha a seguinte mensagem: “A equidade salarial

entre homens e mulheres vai ser atingida daqui a 267,6 anos”.

Essa situação veio à tona de novo para mim enquanto fazia parte da redação da manifestação da Congregação diante das falas de Eduardo Bolsonaro, alegando de maneira totalmentedeploável que, dentre outras questões, a responsabilidade pelo problema da obra no metrô da Linha Laranja se devia à contratação de engenheiras na equipe. Nesse texto, o que queria ressaltar é a

informação que consta nessa manifestação: em toda a história da Poli, cerca de 3.500 mulheres se formaram.

Parando para pensar que a cada ano entram cerca de 960 alunos na Escola e que a Poli já tem 128 anos, a quantidade de alunas já formadas se mostra praticamente pífia. Inclusive, chega a ser interessante usar o termo “pífia”, que tem como sinônimos desprezível e irrelevante, porque as mulheres já formadas e que ainda se formarão na Escola podem ser tudo, menos insignificantes. O caminho que cons-

truíram até aqui e que continua a ser construído é motivo de orgulho, restando apenas a pergunta: daqui a quantos anos atingiremos a equidade em relação à formação de homens e mulheres na Escola?

E, nesse dia internacional das mulheres, desejo às outras futuras engenheiras da tão comentada Escola Politécnic da USP uma carreira brilhante, repleta de realizações dentro do que cada uma almeja. Muita força na nossa jornada para estarmos cada vez mais perto de um número digno das mulheres da Poli!

Qual o maior jogador de todos os tempos?

LeBron Raymone James vs Michael Jeffrey Jordan

Lucas Dorna de Mello,
Engenharia de Produção, 2º ano

A discussão de quem é o maior da história ocorre em todos os esportes. Em alguns, essa decisão é unânime, como no tênis feminino e na natação masculina, em que Serena Williams e Michael Felps são considerados os melhores de todos os tempos com certa folga. Contudo, nos dias de hoje, muito se discute nas redes sociais sobre quem é o GOAT (*greatest of all time*) do basquetebol. As opiniões se dividem entre a lenda do Chicago Bulls Michael Jordan e a atual estrela da NBA LeBron James.

Como comparar as duas estrelas?

A dificuldade na comparação consiste, principalmente, no fato de suas carreiras terem trajetórias totalmente diferentes. LeBron atuou em mais times, jogou mais jogos, tem uma quantidade maior de recordes, mas, ao mesmo tempo, possui menos títulos e não deixará um legado do tamanho do de Jordan no Chicago Bulls. Sendo assim, a análise deve levar em conta diversos quesitos de cada jogador.

Trajetória e legado.

Michael Jordan foi “draftado” em 1984, na terceira posição pelo Chicago Bulls. A franquia, até então, não tinha expressividade na liga e não possuía nenhum título — lembrança mascarada nos dias atuais pela história escrita por Jordan. Graças a ele, hoje, a franquia figura como a quarta mais lucrativa da liga e marca a história do basquete. Antes da era Jordan, o time era pequeno, e Michael foi o cerne da mudança de patamar do time. O Chicago Bulls foi de zero para três títulos consecutivos de 1991 até 1993, uma pausa causada pela aposentadoria de Jordan, e mais três consecutivos após sua volta de 1996 até 1998. Vale lembrar que apenas outros dois times fizeram esse feito: Los Angeles Lakers e Boston Celtics.

Em termos de popularização do esporte e revolução no estilo de jogo, Jordan é referência. Ele acrescentou uma explosividade

que era rara para a época, seu estilo de jogo mudou o basquete. Sua atuação era dominante e implacável, mesmo se aposentando e voltando à NBA duas vezes — uma durante o auge da sua carreira no Bulls e uma bem curta pelo Washington Wizards —, sua atuação era nível All Star.

Já LeBron possui uma carreira mais fragmentada. Até então, a estrela da NBA teve passagem por três times. Em todos, ganhou ao menos um título. Contudo o mais próximo que ele conseguiu chegar do que Jordan criou foi na sua passagem por Cleveland, onde, sem dúvida, LeBron é o melhor da história. Cleveland é uma franquia bem pequena, e LeBron conseguiu montar um time campeão. Apesar de sua primeira saída do time ter sido turbulenta, ele voltou para a equipe, o que mostra o quanto ele considera a franquia e como mudou seu patamar como ninguém antes havia feito.

A carreira de LeBron James é a mais longa da história em alto nível. Atualmente, ele é um dos jogadores mais velhos da NBA e ainda continua com médias próximas dos 30 pontos, sendo, indiscutivelmente, um dos melhores jogadores da liga. Em termos de longevidade, LeBron está muito à frente de Jordan.

A arte de jogar basquete

Ambos os jogadores são dominantes dos dois lados da quadra e possuem um estilo de jogo bem diferente um do outro. Contudo, em termos de ser especialista no esporte, podemos colocar LeBron a frente pela sua versatilidade e adaptabilidade. Ele já jogou em todas as posições do basquete, enquanto Jordan se limitava à posição de ala.

É muito difícil bater o martelo sobre quem é melhor, o nível de ambos é surreal. O que podemos definir com certa tranquilidade é que Jordan é um scorer melhor, e LeBron, um jogador de basquete mais completo, pela sua adaptabilidade em jogar em qualquer posição com excelência.



LeBron Raymone James e Michael Jeffrey Jordan, respectivamente

Opinião do redator

Na minha opinião, Jordan é o maior jogador de todos os tempos. Seu legado no Chicago Bulls é algo que nenhum outro jogador repetiu. Ele ganhou três campeonatos seguidos, aposentou-se e mudou todos os seus aspectos físicos para jogar beisebol.

Após sua curta carreira no esporte, ele voltou para o basquete e ganhou novamente três títulos seguidos. Levando em consideração a dificuldade da liga na época, com lendas como Charles Barkley, Patrick Ewing, Hakeem Olajuwon, Gary Payton, Clyde Drexler, Karl Malone (terceiro maior cestinha de todos os tempos) e Reggie Miller, a dificuldade era imensa, e, mesmo assim, Michael era dominante.

Sua importância para a difusão do basquete mundialmente foi gigantesca, Jordan colocou a NBA em um escopo mundial. Ele era o atleta mais popular do mundo nos anos 90, transformou o basquete em algo além do esporte, tornou-se moda e cultura — seu tênis Air Jordan foi um divisor de águas, fazendo com que os tênis para basquete passassem a ser usados como itens de moda, para além da quadra. Outro ponto que deve ser considerado é sua participação nas Olimpíadas, com dois ouros conquistados. O time dos estados nas olimpíadas em Los

Angeles e Barcelona foi a vitrine perfeita para a popularização da NBA mundialmente.

Contudo, LeBron James pode ser considerado o melhor atleta da história do basquete. Até agora, são 19 anos jogando em altíssimo nível. Sua longevidade no esporte é única. Jordan não teve uma carreira tão longa, mas, mesmo que tivesse, ao compararmos o nível em que LeBron joga hoje e o de Michael Jordan no Washington Wizards, no final de sua carreira, LeBron tem muito mais qualidade enquanto velho.

Além disso, LeBron é completo em todos os sentidos: é ótimo dos dois lados da quadra, apesar de seu rendimento na defesa ter sido prejudicado por conta da idade, e tem a versatilidade de jogar em qualquer posição. Ele já atuou em todas as posições, sendo a mais recente a de center no Los Angeles Lakers. Embora o time não esteja em uma fase boa, LeBron conseguiu desempenhar a função muito bem.

Há muitas opiniões acerca dessa discussão, fiquem à vontade para comentar a de vocês e o que vocês acharam do texto. Deixo definida aqui a minha decisão final: Michael Jeffrey Jordan é o maior jogador de basquete de todos os tempos, e LeBron Raymone James é o maior atleta de basquete de todos os tempos.

Tolerância à intolerância?

Mateus de Pina Nascimento,
Engenharia Mecatrônica, 2º ano

Murilo Ferreira Noronha,
Engenharia de Produção, 2º ano

Rafael Varanda Bernardo,
Engenharia Mecatrônica, 2º ano

Cancelamento: um termo muito utilizado atualmente. De forma justa ou não, frequentemente alguma celebridade é “cancelada”, e, por grande parte das vezes, seu discurso de reação ao cancelamento segue um padrão: não foi a intenção, foi dito “de forma burra” e/ou sua fala foi distorcida. Curiosamente, nem sempre a declaração que motivou o linchamento virtual é a primeira polêmica (ou o primeiro crime) da figura famosa em questão.

Para uma argumentação mais concreta, relembremos o maior cancelamento do mês passado (se o caro leitor acompanha este texto na época de lançamento): o youtuber Monark defendeu no (até então) seu podcast a existência de uma ideologia nazista, causadora de um dos momentos mais cruéis da história.

No intervalo de um dia, foi repudiado pela internet, perdeu patrocínios e até o emprego na sua própria empresa. No entanto, quem já o acompanhava não se surpreendeu com sua declaração, visto que o apresentador já tinha um histórico de falas infelizes, desde defender a “liberdade de expressão” de negacionistas até questionar se ter opinião racista é crime. Mas, bastou um momento, um nome citado, para, enfim, surgir seu cancelamento. Foi a gota d’água.

Talvez o leitor se lembre de uma cena da série *The Boys*, na qual a personagem mais odiada diz “muitas pessoas concordam comigo, elas só não gostam da palavra ‘nazismo’”. Na série, a personagem não é a primeira a ferir algum direito humano, a simpatizar com ideias fascistas, mas, apenas ao deixar claro o nome da ideologia, ela se torna a vilã. Mas por que o vilão só é visto ao expor o nome do crime? Por que toleramos a intolerância até chegar à gota d’água?

O discreto entranhamento de discursos de ódio nas defesas por “liberdade” não se restringe somente ao mundo dos cancelamentos no Twitter ou das séries hollywoodianas. O passado é o registro mais claro desse efeito.

Tomemos como exemplo a República de Weimar na Alemanha. Após a derrota do país na Primeira Guerra Mundial, foi estabelecido um regime republicano, contrastando com o seu passado conservador e autocrata. Outro fator relevante para compreender o período e seus subsequentes desdobramentos era a economia da época. A Alemanha, assim como toda a Europa, estava devastada. Além disso, com o fim da Guerra, o Tratado de Versalhes atribuiu uma série de multas abusivas à recém-república, alegando que o Império Alemão era o responsável pelos danos do conflito.

Não é preciso absurda genialidade para concluir que a situação no país era caótica. A fome, os conflitos políticos e um saudosismo distorcido ao antigo império, outrora poderoso, reinavam nas ruas.

Em meio a todo esse caos, surge um sujeito, com voz imponente, bigode mal talhado e que diz ter o caminho para a Alemanha não só voltar ao seu auge, como tornar-se mais forte do que nunca. Ele atribui aquela crise aos democratas, que não sabem cuidar do país, e aos demais grupos minoritários ou adversários políticos. Esse sujeito promove democraticamente o Partido Nacional-Socialista e, por meio de discursos gritados, consegue manipular quase uma população inteira para apoiá-lo.

O resto da história você já sabe. Um livro escrito na prisão, um incêndio no parlamento, um alvo comum, ocasionando 40 milhões de mortos numa guerra e uma cicatriz histórica que jamais será superada (nem esquecida).

Um dos pontos mais cruciais a serem notados nesse caso é como o Partido Nazista surgiu democraticamente dentro da Alema-

nia, concorreu às eleições e ganhou espaço, até chegar no topo — usando o próprio sistema para destruir o sistema.

Daí, voltamos ao eixo inicial: até que ponto pode se tolerar o intolerável? Até quando continuaremos dando brecha a ideias que sabemos que nos levarão a um cenário destrutivo? Não é saudável que existam discursos de ódio disfarçados de opinião, ou que ideias inconcebíveis como o nazismo, o racismo ou a misoginia fiquem protegidas pelo escudo de uma liberdade ilusória.

São inúmeros os casos em que o ódio é mascarado pela distorção da liberdade. Além do supracitado caso de Monark, um episódio lamentável foi um canal de *streams*, o Xbox Mil Grau, que disfarçava ideias racistas em forma de humor nas suas *lives*. Em outro momento, o deputado Eduardo Bolsonaro associou um acidente infeliz nas obras do metrô de São Paulo às mulheres engenheiras, em um comentário que desrespeita a luta de todas as mulheres que dedicaram vidas para conquistar seu espaço na ciência.

Nesse sentido, não podemos encarar esses repugnantes episódios recentes como fatos isolados. Eles fazem parte de um processo.

Basta notar a sequência: incontáveis declarações preconceituosas de Jair Bolsonaro (e de seus parentes), saudação nazista feita por um comentarista político em uma rádio marcada por *fake news*, deputado “Mamãe Falei” dizendo que refugiadas ucranianas “são fáceis, porque são pobres”... Nada disso é aleatório. Tem método.

Aliás, como exposto, há um padrão, inclusive, na desculpa esfarrapada que vem em seguida dessas declarações odiosas. A vitimização por trás dos já tradicionais “Mas é apenas a minha opinião!”, “Não tire minha fala de contexto!” e “A gente não tem nem direito à privacidade mais!” é clara, e, de tão preguiçosa, pouco merece nossa atenção.

A constante tentativa de justificar suas ações ao se colocar como um “moleque”, então, muito menos.

Entretanto, um desses argumentos prontos que deve, sim, ser analisado com cautela é que a melhor maneira de evidenciar uma ideia equivocada é, justamente, permitindo que ela seja dita em voz alta. A tese, por muitos aceita (inclusive, pelo deputado Kim Kataguiri, na ocasião do podcast), é a defesa de que todos tenham a liberdade de emitir o seu ponto de vista, para que possamos iluminá-lo e, assim, rechaçá-lo, caso seja necessário. Ora, e se ele não for eficientemente combatido? E se esse ponto de vista se tornar maioria? A verdade é que já há iluminação suficiente em certos palcos.

Arthur “Mamãe Falei” foi o segundo deputado estadual mais votado em 2018 em São Paulo. Adivinha quem foi o primeiro deputado federal? Ele mesmo: Eduardo Bolsonaro! E qual foi o quarto? Se você chutou “Kim Kataguiri”, meus parabéns!

O estado protagonista na Revolução Constitucionalista, que liderou as Diretas Já e lançou Tancredo Neves no Palácio dos Bandeirantes para pôr um fim à ditadura, além de liderar o *impeachment* de Fernando Collor, agora é composto por pessoas como essas, que utilizam desinformação e discursos de ódio como palanque para conquistar cargos no Legislativo. Pobre São Paulo!

E, claro, o estado mais populoso do Brasil serve apenas de exemplo para um movimento muito mais amplo, que busca afrouxar cada vez mais os nossos limites. Em qualquer nação civilizada, esse tipo de conduta seria prontamente combatido, mas nós permitimos que ideologias como essa ascendam silenciosamente e cresçam nas entranhas da nossa democracia.

Vale, sempre, lembrar que só um regime permite uma liberdade de expressão absoluta: a tirania — se você for amigo do tirano, é claro! Na democracia, não. Aqui, nem tudo pode. É fundamental que sejamos intolerantes com os intolerantes.

Política

É um pássaro? É um avião? Não! É o salvador da pátria!

Mateus de Pina Nascimento,
Engenharia Mecatrônica, 2º ano

Ecá estamos nós, ávidos, mais uma vez reunidos, preparados para passarmos outro ano entregues ao debate definitivo — embora cíclico —, a eterna busca por concluir quem é a pessoa certa para, sozinha, solucionar todos os problemas do Brasil!

A ideia, aqui, é encontrar alguém (em geral — você sabe —, um homem branco, hétero, cristão, já com uma certa idade, mascarada por seu cabelo pintado naquele tom específico de acaju) que incorpore o Estado, que se torne o Estado.

Entregamo-lhe todo o controle, porque ele saberá o que fazer. E, não se engane, em um regime presidencialista como o brasileiro (e os latinos, por via de regra), é inevitável: salvo raras e conturbadas exceções, quando escolhemos nosso salvador da pátria da vez, o poder é dele por (pelo menos) quatro anos.

De modo geral, baseamos nossa escolha em patrimonialismo e populismo. O discurso é sempre o mesmo: há um determinado grupo no país que impede a tão sonhada ordem e progresso. Então, o líder, que se autointitula parte desse pobre povo, é predestinado para enfrentar aquele grupo.

Há variações, claro. Temos populistas autoritários, ditatoriais e, até mesmo (pasmem!), democratas.

Assim, a população dá a esse messias — aquele com valores inestimáveis —, o poder supremo de resolver suas aflições. Danem-se as instituições.

Essa, inclusive, é uma das razões pelas quais muitos defendem o parlamentarismo (ou, ao menos, uma espécie de semipresidencialismo) no Brasil — sugestão que tende a ser rejeitada de imediato.

A justificativa é simples: “Como assim um monte de políticos compartilhando o governo? Não! Eu quero escolher

quem vai mandar! Eu quero escolher o cara!!!”.

Durante períodos eleitorais, então, a parte final desse raciocínio funciona que é uma beleza! Como uma droga, nada se compara ao êxtase de quando escolhemos a pessoa certa e despejamos nela nossa fé mais desesperada.

Entorpecidos, muitas vezes não notamos o papel de vassallos ao qual somos submetidos e aceitamos com incompreensível naturalidade o fato de que o nosso Estado está cada vez menos impessoal — e, conse-

quentemente, cada vez mais encarnado nas figuras míticas que elegemos.

Afinal, o líder — e só o líder — possui as habilidades sobre-humanas necessárias para nos colocar de volta no eixo.

Luís XIV, autor do célebre “O Estado sou eu”, faleceu há mais de três séculos. Não temos mais monarcas nem absolutistas no Brasil. Apesar disso, não deixamos de conceder aos nossos governantes uma espécie de superpoder. Na prática, não elegemos uma pessoa. Elegemos um Super-Homem.

ADAPTAÇÃO DO PERSONAGEM ORIGINAL DA DC COMICS



Super-Homem brasileiro

Convenhamos, é o caminho mais fácil, o pensamento mais cômodo e intuitivo. Nossas histórias nos ensinam a sermos assim. Chega até a ser um clichê do cinema o dualismo do mocinho contra o bandido, do bem contra o mal — e a personificação desses dois. E, embora possa não aparecer, a presença desse recurso narrativo se estende a exemplos menos óbvios do que as tradicionais histórias de super-heróis.

Um deles é *Bohemian Rhapsody*, narrativa autoconglutatória do Queen, em que Freddie Mercury é absolvido de seus excessos — problemas de ego, brigas com a banda e até o uso de drogas —, cuja responsabilidade é totalmente atribuída à influência negativa de seu manager malvado.

Já em *Os Sete de Chicago*, esse mesmo artifício é utilizado, agora com mais eficiência, no juiz Julius Hoffman, um único personagem que representa todo o sistema que o filme acusa. Neste caso, a própria atuação de Frank Langella, em parceria com o roteiro do mestre Aaron Sorkin, impede que o juiz se torne caricato.

Fato é que, bem ou mal executada, essa estratégia é comum às histórias que nos são contadas desde a infância. Afinal, é bem mais fácil assimilar a existência de um alvo em específico do que mirar em vários ao mesmo tempo.

Mesmo em *Matrix*, obra aclamada por romper padrões do sistema, ainda há a dualística disputa entre Neo (Keanu Reeves) e Agente Smith (Hugo Weaving), sendo que a própria escolha do protagonista se dá entre duas opções: uma pílula obviamente certa e outra errada (caso contrário, o filme duraria meia hora). Aliás, *Matrix* é fundamentado no livro *Simulacros e Simulação*, de Jean Baudrillard, que, inclusive, recusou o convite para colaborar na produção da franquia por considerar que “*Matrix* é certamente o tipo de filme sobre a Matrix que a Matrix seria capaz de produzir”. A série chega a abordar esse conceito, tratando sobre como a falsa perspectiva de revolução faz parte da Matrix, na qual os personagens que acreditam se libertar do simulacro estão apenas entrando em outra simulação.

Política

Outro exemplo clássico da jornada do herói é *Star Wars*. Em *Os Últimos Jedi*, a saga tentou quebrar o padrão de Jedi contra Sith, propondo o lado do meio, a possibilidade de todos poderem manipular a Força e de o herói também possuir o seu lado sombrio. E o que aconteceu? Os fãs odiaram, e a Disney fez o que se espera de todo conto de fadas: demitiu todos os responsáveis pelo projeto e voltou atrás (naquele filme medonho sobre o qual a gente não fala para que o autor deste texto não chore copiosamente no banho). Ou seja, optou-se, novamente, pela concepção mais cômoda e rudimentar.

DIVULGAÇÃO/LUCASFILM



Luke Skywalker (Mark Hamill) descartando seu próprio sabre de luz, símbolo de sua força, em cena de *Star Wars: The Last Jedi*

Para além das telonas, também é confortável categorizar heróis e vilões. Elegemos ídolos no esporte, nos *reality shows*, na política... e condenamos pessoas com a mesma frequência. Basta alguns poucos minutos na internet para reconhecer os padrões de discurso, principalmente, em temas tratados de forma apaixonada.

Na política, por exemplo, temos arquétipos pré-definidos para todos os gostos e tamanhos. Há o candidato ladrão, chefe da maior facção criminosa do país! Ou, então, aquele do povo, que, assim que eleito, automaticamente o tirará da miséria! Existe, ainda, o característico político anti *establishment*. Temos, também, o herói de capa, incorruptível, dono do mais apurado senso moral... bem como o tirânico juiz, júri e carrasco (ou deveria dizer juiz, procurador e ministro?). Até mesmo a redentora “terceira via” possui toda uma mitologia fantasiosa

por trás. Isso para não mencionar o obviamente triste exemplo do “mito”... Essas narrativas — aliás, vale um texto dedicado apenas a como essa palavra vem tendo seu sentido totalmente deturpado no cenário político contemporâneo — tornam a incansável e irracional defesa dos nossos ídolos muito mais simples.

Retomando as referências cinematográficas, estamos em temporada de premiações, e, como em todo ano desde 2016, o famigerado meme “Não sou capaz de opinar” foi ressuscitado nas redes sociais. Caso você seja um(a) sortido(a) que (ainda) não teve sua *timeline* invadida por ele ou, então, que não faz a menor ideia do que seja isso, cabe, aqui, um breve resumo: basicamente, a atriz Glória Pires foi convidada para comentar o Oscar, mas não acompanhava a cerimônia há muitos anos e não tinha assistido a todas as obras; assim, seus comentários durante a transmissão alternaram entre “Não sou capaz de opinar” e “Não vi este filme”.

Deixando de lado a óbvia bizarrice por trás desse acontecimento, é curioso pensar que uma pessoa que deveria estar qualificada para tratar sobre um assunto assumiu não ser capaz de opinar, enquanto, diariamente, disparamos nossas teses, como profissionais, em tópicos sobre os quais não temos domínio algum, sem fazermos ideia do que estamos dizendo.

É claro que não é de hoje que sentimos essa necessidade incessante de sabermos de tudo — quantas vezes você elogiou uma banda ou teceu comentários sofisticadíssimos sobre um livro de que você sequer sabia da existência apenas para socializar? Entretanto é crescente essa pressão para que o nosso ponto de vista seja explicitado aos sete ventos das redes sociais.

Todo dia, celebridades dão declarações polêmicas, políticos tomam atitudes controversas e bombas explodem (às vezes, infelizmente, de maneira literal). A demanda é altíssima, sendo comum lermos títulos de notícias (e não seu conteúdo) e nos informarmos por meio de *influencers* (ao invés de especialistas). Assim,

a síntese já está dada e ninguém se interessa realmente pela antítese. Não há tempo (nem espaço) para refletirmos, sendo praticamente impossível saber de maneira aprofundada sobre os assuntos e debater — de fato — a respeito.

Dessa forma, raramente deixamos a superfície. Nas palavras do filósofo francês Pierre Levy, “Quanto mais se fala de uma coisa, menos se sabe sobre ela, já que uma crosta é criada e compartilhada até endurecer — o que dificulta mergulhos mais profundos”. E, sem dúvidas, a incontável ansiedade de consumir tudo a todo momento para não sermos deixados para trás não alivia esse processo. É preciso consumir e opinar, consumir e opinar — e rápido. Há duas opções: posicionar-se imediata e fervorosamente ou, então, se tornar “isentão” e omissivo. E ponto. Não há discussão: ame ou odeie cada uma das coisas (inclusive este texto!), mas ao menos tenha a decência de emitir sua tão necessária opinião! Todo esse ímpeto faz com que a guerra de paixões tome o lugar do debate de ideias, instituindo-se o tão badalado “nós contra eles”.

Extrapolando para o cenário nacional, em que, obviamente, todos deveríamos ser “nós”, acabamos nos tornando potenciais “eles”. Constantemente na defensiva, passamos por um eterno contorcionismo moral e ético para sustentarmos o nosso lado — e, claro, para apontarmos o dedo na cara do amiguinho que, na nossa cabeça, está do outro. Não há espaço para discórdia, e o que outrora representou o desenvolvimento de um olhar crítico, hoje é tido como sinal de fraqueza. Não basta saber sobre tudo, opinar sobre tudo e fazer tudo isso o mais rápido possível, ainda é indispensável dobrar a aposta e manter impassível seu ponto de vista.

Nesse processo, cada uma das convicções que agarramos sem questionar nos limita um pouco mais. Apressados, ignoramos tudo o que não nos agrada de imediato, apenas para reforçar a mediocridade do que, com unhas e dentes, nos comprometemos a

defender. Em meio a esse frenesi, não compreendemos que, às vezes, apenas não somos capazes de opinar (e que isso não é demérito algum).

Entre *scrolls* infinitos no Facebook, histórias filtradas no Instagram, vídeos hiperestimulantes no TikTok e cancelamentos exasperados no Twitter, praticamos o esporte favorito das redes, a ostentação da nossa pseudoconsciência social, e nos deixamos levar pela heteronomia. Jamais permitimos que estímulos externos influenciem a “nossa” personalidade irretocável, sendo crucial protegê-la a todo custo.

Desde já, estamos preparados para um longo ano, repleto de discussões intermináveis durante o almoço de domingo, “textões” cordiais em grupos e trocas de *blocks* e xingamentos com perfis aleatórios. Endeusando o nosso lado e demonizando o do próximo, aplicamos a maquiavélica retórica utilizada na escolha do nosso Super-Homem pessoal para definirmos, também, nossos super-vilões.

Aliás, o termo “super-homem” (do alemão, *Übermensch*) foi criado pelo filósofo Friedrich Nietzsche, que, em *Assim Falou Zaratustra*, designa-o como um indivíduo acima da mediocridade, cuja existência se deveria mais ao esforço do que à seleção natural. Assim, a característica dominante do super-homem seria o amor à luta e ao perigo, deixando a felicidade para os seres humanos ordinários, pois, ao super-homem, caberia o dever de se elevar além dos limites e valores estabelecidos pela normalidade, representando o modelo ideal para elevar a humanidade.

Portanto, se, mesmo depois de toda essa conversa, você ainda recusa o prazer incomparável de destruir uma crença limitante que você criou para si próprio, ainda se obrigar a se posicionar de maneira inadvertida sobre absolutamente todos os assuntos e ainda optar por eleger um super-homem para guiar seu discurso e sua filosofia de vida pelos próximos anos, ao menos tenha a dignidade de basear sua escolha na definição de Nietzsche, e não na da DC Comics.

Fala, professor!

O que corre nas veias de um professor?

Fábio Cunha Lofrano,
Engenheiro Civil e Doutor em
Ciências (Engenharia Hidráulica e
Ambiental) pela Escola Politécnica



‘Mas você não entendeu, Sr. Stoner?’ perguntou Sloane. ‘Você ainda não entendeu mesmo? Você vai ser professor.’

De repente Sloane pareceu muito distante, e era como se as paredes do escritório tivessem recuado.

Stoner teve a sensação de estar em pleno ar, e ouviu sua voz perguntar: ‘O senhor tem certeza?’

‘Tenho’, respondeu Sloane suavemente.

‘Como o senhor sabe? Como pode ter certeza?’

‘É amor’, disse Sloane animado. ‘Você se apaixonou. É só isso.’

Citação da obra *Stoner* (2015) de John Williams

Fiquei contente com a proposta d’O Politécnic de que eu escrevesse sobre haver incentivado, em minhas aulas de Hidráulica Geral II, a doação de sangue. Bancos de sangue no Brasil e no mundo registraram quedas abissais de seus estoques durante a pandemia de covid-19. E, embora não me considere a pessoa mais preparada para abordar o assunto, é inegável que esse convite me pôs a refletir. Charles A. Dana, célebre jornalista estadunidense do séc. XIX, afirmou (em tradução livre) que “notícia não é quando um cão morde um homem, mas quando um homem morde um cão.” Por que, então, o fato de um professor usar o tempo de aula para incentivar doação de sangue seria digno de nota?

Comecei a doar sangue durante a graduação. Era algo esporádico, no âmbito de campanhas organizadas na Cidade Universitária. Durante o doutorado foi que me tornei um doador regular.

À época, o pai de uma amiga lutava contra um câncer e precisava de doadores de plaquetas — para o quê me prontifiquei. Contudo, antes, era necessário realizar uma doação de sangue, a fim de avaliar se o meu acesso era suficientemente calibroso (isto é, se minhas veias comportariam a agulha empregada na doação de plaquetas). Infelizmente, entre a doação de sangue e a de plaquetas, o pai de minha amiga não resistiu.

Não obstante, decidi realizar a doação já agendada. Não faltavam pacientes necessitados — como me certifiquei, momentos depois, da maneira mais triste possível. Ao saber que meu destinatário original havia falecido, uma mãe de plantão na recepção do hemocentro passou a implorar para que, em vez de realizar minha doação anonimamente, eu a registrasse em favor de seu filho. O que você faria? Atenderia a essa mãe cujo filho estava com câncer? E os demais pacientes? Seriam menos dignos de receberem uma doação por não terem alguém para interceder por eles na entrada do hemocentro? No calor do momento, não resisti ao apelo daquela senhora. Contudo, pude pensar bastante sobre esse conflito durante o longo procedimento que se iniciara. Hoje creio que cada doação deva ser destinada a quem necessita com mais urgência. Desde então, passei a doar plaquetas todo mês — sempre de maneira anônima.

Diferentemente da doação de sangue, que dura cerca de meia hora, a doação de plaquetas pode levar até duas horas. Isso se deve ao procedimento de coleta por aférese, que consiste em diversas repetições do seguinte ciclo: extração de um volume de sangue, separação dos componentes por centrifugação, retenção das plaquetas e retorno dos demais componentes (hemácias, leucócitos e plasma) à corrente sanguínea do doador. Tanto a extração quanto o retorno do sangue são promovidos por bombas

de deslocamento positivo, cuja principal diferença com relação às bombas centrífugas — assunto de minha disciplina — é a de manter, independentemente da pressão no sistema (no caso, a do doador), uma vazão especificada. Por isso, quando preparava o material sobre bombas centrífugas, incluí um comentário sobre aquele outro tipo de bomba e uma de suas aplicações à qual, mensalmente, eu me submetia. Ao final da respectiva aula, ainda no primeiro semestre do ano passado, pareceu-me natural, portanto, incentivar a turma a doar sangue (e, eventualmente, plaquetas).

Mesmo assim, flagrei-me pensando se não teria me excedido, se não deveria ter me restrito ao tema da aula. No entanto, na mesma semana, um aluno me escreveu para dizer que ele, doador de sangue assíduo, fizera sua primeira doação de plaquetas. “Continue dando o seu exemplo nos próximos semestres porque ele faz diferença”, concluiu seu e-mail. No segundo semestre, aprimorei o material e estruturei um pouco mais o meu discurso. Dessa vez, um grupo de cinco colegas me enviou fotos: eles haviam combinado de realizar uma doação conjunta. Soube, ainda, que outros dois alunos doaram posteriormente. Assim, cerca de 20% dos pouco mais de 30 estudantes que compareciam regularmente às minhas aulas atenderam ao chamado. E, se no ambiente ainda predominantemente masculino da Poli não nos surpreende o fato de serem todos homens, trata-se de uma visão inusitada em um hemocentro. Segundo minha experiência e conversas com profissionais de enfermagem, a grande maioria dos doadores é do sexo feminino — mesmo elas podendo doar sangue somente três vezes ao ano (e não quatro, como os homens).

Durante a pandemia, a Poli realizou iniciativas louváveis: estudos sobre a eficácia de máscaras, análises de circulação de ar em ambientes fechados e a fabricação dos ventiladores pulmonares do projeto Inspire — fonte de orgulho para nos-

sa instituição e merecedora de todas as homenagens. O incentivo à doação de sangue e plaquetas na escala de uma sala de aula não chega aos pés de quaisquer desses projetos. Mas a verdade é que uma coisa não exclui a outra (pergunte àquela mãe desesperada...). E, enquanto escrevo essas linhas e tento responder à pergunta ao fim do primeiro parágrafo, dou-me conta de que a própria docência é, por definição, uma forma de doação — não só de conteúdo, mas, principalmente, de tempo, de atenção, de afeto. Mais que tudo, da reciprocidade demonstrada por minhas turmas e do tanto que aprendi com meus alunos, compreendi que a docência é uma via de mão dupla.

De fato, em vias de completar meu primeiro ano lecionando nesta Escola, sinto-me um pouco como William Stoner, protagonista do romance homônimo de John Williams: a docência ainda me sabe a uma paixão recente cujo reconhecimento precede seu conhecimento. Lecionar é um ato de descobrimento, sobretudo do que significa ser professor.



‘Você precisa lembrar o que você é, o que escolheu ser e o significado do que está fazendo. Há guerras e derrotas e vitórias da raça humana que não são militares e não são registradas nos anais da história. Lembre-se disso quando estiver tentando decidir o que fazer.’

Diálogo entre Sloane e Stoner na obra *Stoner* (2015) de John Williams

Nesse mundo em que sobram bilionários e faltam bolsas de sangue, que, para além de engenheiros e líderes, a Poli forme cidadãos. Que, em suas salas e corredores prestes a serem reocupados, mais do que alunos, professores e servidores, encontremos gente humana. Que afeto e respeito não sejam discurso, mas ação. E que doação não seja uma notícia, mas um hábito. Só quem doa sabe o tamanho da sensação que, desse ato, retorna. Não cabe no Lattes.

Acadêmico

Já pensou em fazer intercâmbio?

Rafael Varanda Bernardo,
Engenharia Mecatrônica, 2º ano

Fazer um intercâmbio é, sem dúvida nenhuma, uma das experiências mais desafiadoras. Se deparar com um país em que a língua nativa é outra, sem conhecer praticamente nada ou ninguém, estando, ainda, a muitas horas de distância de casa é uma ideia assustadora, sendo preciso muita responsabilidade.

Mesmo assim, embora, em um primeiro momento, essa experiência possa soar aterrozante a ideia de realizar um intercâmbio é também encantadora. Entregar-se a uma nova cultura, com infinitas possibilidades, aprender uma nova língua fluentemente e, além disso, ganhar um possível destaque no cenário profissional é um sonho na vida do politécnico.

Felizmente, a Escola Politécnica é um ambiente capaz de abrir essas portas para os seus estudantes, oferecendo diversas oportunidades para que possam conquistar seu espaço em outros países. Não só isso, os programas permitem a realização de parte da graduação nas universidades parceiras, facilitando o ingresso na vida profissional em outro país, caso seja de interesse do aluno.

São várias as modalidades de intercâmbio na Poli, sendo que algumas das mais famosas são o Duplo Diploma (DD), o Aproveitamento de Estudos (AE) e a possibilidade de intercâmbios abertos e estágios internacionais, no caso da engenharia química. Durante o texto, aprofundaremos as características dessas modalidades, como seus períodos, suas vantagens e suas desvantagens.

Duplo Diploma (DD)

O Duplo Diploma talvez seja o tipo de intercâmbio mais concorrido entre os politécnicos, justamente pela possibilidade de receber um diploma emitido na universidade pretendida (além do da Poli). Também é a modalidade com maior duração: seu período pode variar de três a seis semestres de graduação fora do Brasil, tempo que será dedicado para realizar um curso em alguns aspectos muito parecido com os da Poli.

Além da obtenção de dois diplomas, a principal vantagem do DD é a experiência profunda de adaptação. Diferentemente de um intercâmbio convencional, não se trata de alguns meses no país estrangeiro, mas anos. Isso ocasiona não só um domínio profundo da língua nativa como também da cultura, costumes e muito mais, sem mencionar a imensa quantidade de pessoas que você acaba conhecendo durante essa jornada.

Todavia essa experiência pode também ser difícil. Adaptar-se a um novo país, com uma cultura muito diferente da brasileira combinada com passar dois ou três anos longe de sua família, amigos e de tudo que você já conhece pode aparentar ser um desafio impossível. Junto com isso, alguns pontos a serem analisados para realizar um Duplo Diploma são o baixo número de bolsas, o custo de vida alto da maioria dos países e a quantidade restrita de universidades estrangeiras parceiras. Entretanto, mesmo com todas essas complexidades, o sonho de alcançar esse tipo de intercâmbio não é impossível.

Aproveitamento de estudos (AE)

Junto com o Duplo Diploma, o Aproveitamento de Estudos é uma modalidade bastante buscada pelos politécnicos. Nesse intercâmbio, você passa de seis meses a um ano cursando matérias de sua escolha numa universidade do exterior. Trata-se de uma excelente oportunidade para não só dominar a língua nativa do país de destino, como agregar sua graduação com diferentes pontos de vista e didáticas acerca do curso.

A Escola Politécnica conta com um maior número de programas e de universidades com convênio para a realização do AE. Além disso, a complicação do tempo estendido de duração é reduzida. De forma geral, esse tipo de programa é de mais fácil encaixe na graduação do aluno e não prolonga a formação do politécnico por mais um ano, como é o caso do DD.

Contudo, a realização de Aproveitamento de Estudos não resulta na emissão de um segundo diploma. Além disso, embora a estadia seja mais curta, o custo de vida ainda é alto e existe uma dificuldade de adquirir bolsas. Isso acaba por ocasionar que a dificuldade financeira também seja um dos fatores que mais atrapalham a realização do intercâmbio.



Intercâmbio Aberto e Estágios

Fora as modalidades de mais destaque, citadas anteriormente, ainda existem outras maneiras de aprofundar seus estudos e de estabelecer ramos profissionais no exterior. Algumas dessas opções são a realização de um intercâmbio aberto ou de um estágio fora do Brasil.

O intercâmbio aberto é a opção que se deve optar caso o aluno esteja em busca de estudar em alguma universidade que não possua uma parceria com a Poli. Essa modalidade dura entre quatro e doze meses e pode ser realizada somente após o quarto semestre de curso na Escola Politécnica.

Outro fator atraente é a maior flexibilidade na escolha de disciplinas, para as quais será necessário o pedido de equivalência uma vez que o aluno retorne à Escola Politécnica.

Por fim, mas não menos importante, existe a possibilidade de se realizar um estágio em uma empresa do exterior. Essa é uma excelente oportunidade para que o aluno possa iniciar sua carreira profissional fora do Brasil, sendo marcada, também, por ter como característica um contato mais próximo e direto entre o politécnico e a empresa em questão.



Ferramentas à sua disposição

Realizar um intercâmbio é um sonho para muitos, mas as dificuldades são inúmeras. Saber os requisitos, adquirir proficiência na língua do país pretendido e manter um bom rendimento acadêmico muitas vezes acabam por levar muitos à desistência ou ao distanciamento desse projeto. Felizmente, dentro da Poli existem inúmeros recursos que ajudam (e muito!) a tornar esse processo mais tangível.

Por exemplo, o grupo de extensão iPoli — Escritório Politécnico Internacional — age diretamente nessa esfera, recebendo intercambistas alocados no Brasil e ajudando os brasileiros que possuem interesse em criar uma rede de relacionamento internacional. Em seu site, a iPoli disponibiliza informações aprofundadas sobre o processo de seleção para as modalidades e as dúvidas frequentes que acabam surgindo. O grupo também promove a SiPoli, uma semana temática que trata sobre todos esses assuntos.

Junto com isso, o Poliglota Idiomas é uma escola de línguas estrangeiras disponível não só para todos os alunos da Poli, como também para alunos de toda a USP e até mesmo da comunidade externa. Ele conta com preços acessíveis e diversos descontos para os politécnicos, além de oferecer bolsas para aqueles em situação de vulnerabilidade socioeconômica. É uma excelente opção para aprender um idioma novo, como inglês, francês, espanhol, italiano ou alemão, caso você busque se preparar para um processo de intercâmbio ou apenas expandir seu léxico.



poliglota
idiomas

MATRÍCULAS ABERTAS

ALUNOS POLI 6X R\$189,90

ALUNOS USP 6X R\$209,90

EXTERNO 6X R\$229,90



Inglês



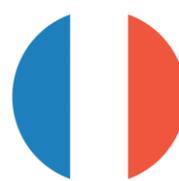
Alemão



Português



Espanhol



Francês



Italiano

**INGRESSANTES DE 2022
TÊM DESCONTO ESPECIAL!**

Inscrições até 23/03/2022



Acesse nosso insta
@poliglota.idiomas



Contato secretaria
(11) 96591-5785



Av. Prof. Luciano Gualberto, 530 - Butantã, São Paulo - SP, 05508-010